



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIANA LOPES CAPUTO

**PEDAGOGIA DO AFETO:  
A DIMENSÃO AFETIVA NA CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE**

RIO DE JANEIRO  
Agosto de 2023

**MARIANA LOPES CAPUTO**

**PEDAGOGIA DO AFETO:  
A DIMENSÃO AFETIVA NA CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Irene Giambiagi

RIO DE JANEIRO

Agosto de 2023

**MARIANA LOPES CAPUTO**

**PEDAGOGIA DO AFETO**  
**A DIMENSÃO AFETIVA NA CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 14 de agosto de 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Orientadora: Profa. Dra. Irene Giambiagi (FE/UFRJ)

---

Professora examinadora: Profa. Dra. Patrícia Baroni (FE/UFRJ)

---

Professora examinadora: Profa. Dra. Deise Arenhart (FE/UFRJ)

Dedico esta monografia ao meu pai, Maurício João Caputo (em memória), minha maior saudade e também maior fonte de motivação. Esta conquista é nossa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiro a Deus, por ter me amparado durante esta caminhada com saúde e forças para chegar até o final, superando os obstáculos e seguindo em frente com determinação.

À minha amada mãe, você é o meu pilar, minha inspiração e meu exemplo de força e dedicação. Sem o seu apoio incondicional, eu não estaria aqui hoje. Cada passo que dei foi impulsionado pelo seu amor e cuidado, e sou eternamente grata por tudo o que fez por mim.

À minha avó, que sonhava em ser professora, e hoje sinto que estou realizando um sonho que se tornou nosso. O seu incentivo e encorajamento foram fundamentais para que eu seguisse firme em busca dos meus ideais.

À orientadora Irene, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa, por todo o carinho e o respeito. Seu profissionalismo e paciência foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Você não apenas me orientou academicamente, mas também me apoiou emocionalmente em momentos de dificuldade.

À minha amiga Thais, que esteve comigo desde o primeiro dia de aula e sempre esteve disposta a me ajudar. Por ser minha companheira fiel ao longo dessa jornada. Suas palavras de ânimo e ombro amigo foram fundamentais para eu seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Aos meus amigos, que foram meu porto seguro ao longo de toda essa jornada e que nunca me deixaram desistir. Suas palavras de encorajamento e o apoio incondicional foram essenciais para que eu superasse os momentos de dúvidas e incertezas. Vocês são verdadeiros tesouros em minha vida.

A todos os meus professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, agradeço por toda a excelência e qualidade técnica que cada um de vocês trouxe para a minha formação. Cada ensinamento recebido foi valioso e contribuiu para o meu crescimento como profissional e como ser humano.

Aos alunos e funcionários da Escola Municipal Roma, que gentilmente colaboraram para a realização desta pesquisa. Suas contribuições foram fundamentais para o enriquecimento deste trabalho.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto de carinho, cada palavra de incentivo, fez toda a diferença e tornou esta jornada ainda mais especial.

“Para haver aprendizagem deve haver troca, e para haver troca, essa troca deve ser permeada de afeto. Precisamos não só ensinar o currículo, mas ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isso só se dá através do afeto e da afetividade.” (DE PAULA e FARIA, 2010)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a relevância da afetividade na relação professor-aluno e seu impacto no processo de ensino-aprendizagem. Busca-se compreender de que forma a afetividade se manifesta no contexto escolar e como ela pode influenciar positiva ou negativamente a motivação, o interesse e o desempenho dos estudantes. O tema é justificado pela importância de promover uma educação mais humanizada, que valorize as relações interpessoais e o desenvolvimento integral dos indivíduos. A metodologia utilizada envolveu a observação e a análise de situações vivenciadas em diferentes contextos educacionais. O trabalho aborda a relação entre afetividade e prática pedagógica, com base no referencial teórico de Wallon, Piaget e Freire. Quatro capítulos compõem a monografia: no primeiro explica-se a metodologia de investigação-ação; no segundo analisam obras sobre o tema do afeto; no terceiro desenvolve-se o conceito de pedagogia afetiva; e no quarto relatam-se vivências no estágio de formação em Pedagogia e no projeto de extensão Encontros Interativos em 2022. Os resultados evidenciaram que a limitação da afetividade por parte dos professores impacta negativamente a relação com os alunos e o processo de aprendizagem, produzindo desmotivação e desinteresse. Por outro lado, a presença da afetividade fortalece os vínculos entre docentes e discentes, proporcionando um ambiente acolhedor e estimulante para o desenvolvimento dos alunos. Com base nos resultados obtidos, conclui-se que a adoção de abordagens afetivas na prática docente é fundamental para promover uma educação significativa e formar sujeitos críticos, autônomos e responsáveis. Portanto, recomenda-se a capacitação dos professores em aspectos socioemocionais e a valorização da afetividade como parte integrante do processo educacional. Espera-se que este estudo contribua para a reflexão e a implementação de práticas pedagógicas que valorizem a afetividade e promovam uma educação mais humanizada e inclusiva.

**Palavras-chave:** afetividade; ensino-aprendizagem; pedagogia afetiva; prática pedagógica; relação professor-aluno.

## ABSTRACT

The present study aims to analyze the relevance of affectivity in the teacher-student relationship and its impact on the teaching-learning process. The goal is to comprehend how affectivity manifests in the school context and how it can positively or negatively influence students' motivation, interest, and performance. The topic is justified by the importance of promoting a more humanized education that values interpersonal relationships and the holistic development of individuals. The methodology used involved observation and analysis of situations experienced in different educational contexts. The paper addresses the relationship between affectivity and pedagogical practice, based on the theoretical framework of Wallon, Piaget, and Freire. The monograph consists of four chapters: the first explains the methodology of action research; the second analyzes works on the subject of affection; the third develops the concept of affective pedagogy; and the fourth reports experiences in the Pedagogy training internship and the Interactive Encounters extension project in 2022. The results showed that the limitation of affectivity on the part of teachers negatively impacts the relationship with students and the learning process, leading to demotivation and disinterest. On the other hand, the presence of affectivity strengthens the bonds between educators and learners, providing a welcoming and stimulating environment for students' development. Based on the obtained results, it is concluded that the adoption of affective approaches in teaching practice is crucial to promoting meaningful education and shaping critical, autonomous, and responsible individuals. Therefore, the training of teachers in socioemotional aspects and the valorization of affectivity as an integral part of the educational process are recommended. It is hoped that this study contributes to the reflection and implementation of pedagogical practices that value affectivity and promote a more humane and inclusive education.

**Keywords:** affectivity; teaching-learning; affective pedagogy; pedagogical practice; teacher-student relationship.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>1. A MOTIVAÇÃO PARA AGIR</b>	15
1.1 A PESQUISA-AÇÃO COMO NORTEADORA DO FAZER DOCENTE	15
<b>2. A AFETIVIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS</b>	19
2.1 O AFETO COMO ALTERNATIVA PARA O ENSINO TRADICIONAL	24
<b>3. A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA AFETIVA</b>	28
3.1 A RELAÇÃO PROFESSOR–ALUNO BASEADA NO AFETO	29
3.2 UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA AFETIVA E LÚDICA	31
<b>4. A PRÁTICA DOCENTE COMO UMA EXPERIÊNCIA DE AFETO</b>	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	39
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	42

## INTRODUÇÃO

O afeto é primordial na vida de todos os seres humanos. É evidente que um simples gesto de amor pode determinar o modo de um indivíduo agir e visualizar o mundo ao seu redor, assentando a forma como ele se desenvolverá. No entanto, é preciso entender que a afetividade possui diversos desdobramentos e conceitos, podendo ser caracterizada como a capacidade de experimentar sentimentos e emoções (PAIM, 1993). Pelo conceito de afetividade subentende-se que há um conteúdo relacional, ou seja, somos afetivos em relação a nós mesmos, ao outro ou a algum fato ou contexto externo. O afeto, então, pode ser entendido como a capacidade de ser sensível às interações com o outro e com o mundo, refletindo a complexidade da afetividade, que abrange variados aspectos, como desejos, prazeres e dores, manifestando-se por meio de sentimentos vitais, humor e emoções (VALLE, 2005).

Muitas vezes, o conjunto de fenômenos psíquicos relacionados ao afeto acaba sendo colocado em segundo plano na escola, pois a aprendizagem ainda é classificada como uma função exclusiva da razão. Porém, a afetividade se faz fundamental dentro do ambiente escolar; afinal, esse espaço é constituído para que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva. Sendo assim, o afeto assume um papel importante, pois toda aprendizagem está impregnada de afetividade, uma vez que tal processo parte das interações sociais. Então, no que se refere ao campo escolar, a relação entre alunos, professores, conteúdos pedagógicos etc. não ocorre apenas no campo cognitivo, há uma base afetiva que permeia todas essas relações (TASSONI, 2000, p. 3). Nesse sentido, o afeto pode ser utilizado como instrumento facilitador da aprendizagem e contribuir tanto para o desenvolvimento da criança quanto para o trabalho dos educadores.

Cabe ressaltar que o afeto no âmbito escolar e a boa relação entre professor e aluno nem sempre recebem a atenção merecida ao considerar sua relevância para o processo de ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo da criança. Porém, como bem sintetizado por Leite e Tassoni, o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem (LEITE; TASSONI, 2000, p. 2). Dessa forma, a falta de afeto e um ambiente

educacional com educadores e educandos desconectados podem contribuir para provocar insegurança e também desinteresse do aluno por aprender.

Posto isto, ao debater sobre a afetividade nas relações pedagógicas, é necessário ter bem definidas as habilidades que queremos desenvolver com os alunos durante o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, surgem as seguintes questões: qual é a função da afetividade na educação? Como podemos trabalhar a afetividade nas relações interpessoais na escola visando à aprendizagem dos alunos?

O tema escolhido para o desenvolvimento do presente trabalho surgiu a partir de uma experiência de estágio acadêmico obrigatório realizado em uma escola municipal do ensino fundamental regular da Zona Sul do Rio de Janeiro, além da vivência da participação em um projeto de alfabetização em outra escola municipal localizada na mesma região que a anterior, no ano de 2022. Os alunos de ambas as escolas eram do 4º ano; a turma da primeira escola era composta por cerca de 20 alunos, e o grupo do projeto era formado por oito crianças em média, todos na faixa etária de 8 a 11 anos.

Foram três meses observando o funcionamento da primeira escola e o desenvolvimento dos alunos que ali estudavam, bem como a prática pedagógica da professora regente. Em pouco tempo acompanhando a classe percebi que a docente ainda não tinha estabelecido um bom relacionamento com as crianças e limitava-se a seguir fielmente as atividades e os conteúdos dos livros didáticos, mesmo que a meu ver tivesse liberdade para trabalhar com uma prática interdisciplinar.

Ela muitas vezes agia de modo ríspido, elevando o tom de voz, e repreendia os alunos quando suas falas não tratavam do conteúdo que estava sendo lecionado, ou seja, a professora prezava por um ambiente silencioso e tradicional, no qual se esperava que as crianças permanecessem sentadas e quietas para estudar os conteúdos das matérias que, como ela mesmo reforçava, constariam nas provas (afinal, ela parecia acreditar que esse era de fato o papel da escola). Vale ressaltar que os estudantes vinham apresentando notas baixas nas avaliações e, segundo observei ao longo das semanas de minha vivência, mostravam um crescente desinteresse por aprender.

Ao longo do tempo em que estive presente na sala de aula, a educadora não desenvolveu atividades voltadas para as experiências dos alunos, que abordassem

a cidadania ou que proporcionassem uma interação da turma entre si ou com ela. Não presenciei nenhuma prática lúdica, observei que a turma mal tinha tempo para brincadeiras e que, nos poucos momentos em estas aconteciam, as crianças eram ameaçadas de perdê-los caso não agissem como a professora gostaria. Parecia-me então que, para essas crianças, a escola tinha deixado de ser um ambiente acolhedor e prazeroso, e passou a ser um espaço entediante frequentado apenas por obrigação.

Em contrapartida, o projeto de alfabetização na outra escola visava justamente ao oposto. Todas as atividades propostas e os encontros com o grupo eram previamente planejados considerando os interesses e as necessidades dos alunos, tendo a ludicidade e a interação como base, como forma de valorizar a identidade de cada um. Foi justamente essa vivência que revelou como a afetividade e a relação entre professor e aluno podem contribuir para melhores condições de aprendizagem, e também colaborar com o desenvolvimento do indivíduo. Buscar um ambiente escolar que valorize a formação humana, tendo o afeto como um aspecto indispensável no processo de ensino e aprendizagem, poderá promover a formação de crianças seguras e saudáveis, além de contribuir para o combate à infância medicalizada, sem afeto e sem voz.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar a afetividade e sua relevância na relação professor-aluno, investigando de que forma ela se manifesta e impacta diretamente o processo de ensino-aprendizagem, seja de forma favorável ou desfavorável. Além disso, busca-se estimular a adoção de abordagens afetivas por parte dos docentes em sua prática pedagógica, para proporcionar um ambiente pautado pelo respeito mútuo e a confiança, contribuir para o fortalecimento das relações sociais e incentivar o desenvolvimento do conhecimento e da autonomia dos alunos. Esta monografia, finalmente, tem como objetivo compreender a relação entre a afetividade e a prática docente no contexto escolar, destacando sua importância para uma educação mais significativa e humanizada.

Sendo assim, dispor da afetividade no processo educacional é dar valor e sentido às práticas e metodologias utilizadas em sala de aula. É ter consciência de que a razão e a emoção inter-relacionam-se, sem se dissociar, visto que uma não ocorre sem a outra. É saber também atribuir a devida importância às relações afetivas, as quais corroboram a concepção de uma educação em que a criança seja

vista como agente de sua trajetória educacional, como aprendemos ao estudar a teoria psicogenética desenvolvida pelo teórico francês Henri Wallon, que se baseava no princípio de que a criança deveria ser entendida de uma forma holística, completa.

Para Wallon (*in* GALVÃO, 1995, p.37), o desenvolvimento infantil deve tomar a própria criança como ponto de partida, buscando compreender cada uma de suas manifestações no conjunto de suas possibilidades, sem a prévia censura do adulto. Sendo assim, o sujeito deveria ser compreendido em seus aspectos biológico, afetivo, social e intelectual, de forma que seus interesses e curiosidades não se desvinculem do momento de aprendizado e estimulem nele o desejo pelo conhecimento.

Dessa maneira, esta pesquisa procura analisar em que medida um contexto com professores e alunos desconectados emocionalmente e uma prática pedagógica que não conta com a afetividade como instrumento facilitador podem prejudicar a aprendizagem, com a possível perda do seu significado, com conseqüente desinteresse dos estudantes e um sentimento de frustração para os educadores. Ao contrário, aborda-se ao longo da monografia o tema da dimensão afetiva na prática docente, a fim de analisar a afetividade e as relações interpessoais no ambiente escolar, e de defender a necessidade de adotar uma proposta pedagógica que motive e envolva educadores e estudantes, de modo a alimentar-lhes tanto a vontade de ensinar quanto a de aprender, mesclando assim a qualidade social e emocional à qualidade científica.

Valoriza-se ainda a formação de professores afetivos, com a pretensão de colaborar para uma aprendizagem significativa, e também contribuir para uma relação dialógica e afetuosa entre os sujeitos, por meio de uma pedagogia do afeto e um processo de ensino-aprendizagem com sentido.

No que diz respeito à ordenação didática, este trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro, “A motivação para agir”, consiste em uma apresentação dos caminhos metodológicos da pesquisa, pautada no modelo de investigação-ação, muito discutido por Michel Thiollent (1986) e David Tripp (2005), que defendem a metodologia empírica da observação de situações do ambiente escolar como base para um estudo de caso com potencial de intervenção direta, e assim gerar mudanças positivas para a escola e seus sujeitos.

Para estabelecer os fundamentos teóricos, no segundo capítulo, intitulado "A afetividade e suas ramificações", analisam-se as contribuições e as perspectivas de diversos autores que abordam o tema do afeto em algumas de suas obras, destacadas por sua relação direta com o tema central desta pesquisa. Espera-se que essa análise permita ao leitor uma compreensão mais aprofundada do tópico em questão, fornecendo uma base sólida para a reflexão sobre o tema e para a constatação de sua relevância no contexto abordado.

No terceiro capítulo, que denominei "A construção de uma pedagogia afetiva", apresenta-se tal conceito, alicerçado em estudos, leituras e convicções desenvolvidas durante a trajetória acadêmica da autora na Faculdade de Educação da UFRJ, bem como em suas experiências profissionais acumuladas. Espera-se, desse modo, reiterar a importância da relação defendida entre afetividade, prática pedagógica e os principais indivíduos envolvidos no processo educativo.

Em seguida, no capítulo intitulado "A prática docente como uma experiência de afeto" são apresentadas e analisadas as experiências da autora no estágio de formação em Pedagogia e no projeto de extensão Encontros Interativos em 2022, nas quais são descritas vivências e interações com professores e alunos. O objetivo é estabelecer uma relação entre a prática observada e os fundamentos teóricos abordados na monografia. Ao final, realiza-se uma análise das duas situações à luz dos princípios destacados neste trabalho, especialmente no que diz respeito à interconexão entre afetividade, professor, aluno e prática pedagógica.

Nas considerações finais da pesquisa sintetizam-se argumentos e análises a respeito do tema que norteou a elaboração desta pesquisa, procurando integrar as experiências vivenciadas durante o estágio e o projeto de extensão ao estudo realizado dos autores selecionados.

É com imensa satisfação, pois, que convido o leitor a embarcar nesta jornada de reflexões e descobertas sobre a dimensão do afeto na prática docente. Busquei, neste trabalho, debruçar-me na inter-relação necessária entre afetividade, processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento integral dos alunos.

Finalmente, desejo que, ao adentrar nas páginas desta monografia, o leitor mergulhe em uma análise criteriosa dos fundamentos teóricos que embasam a pedagogia afetiva, bem como que teça relações entre esta e a importância da construção de um ambiente escolar acolhedor, no qual o respeito, a confiança e a empatia sejam elementos essenciais para promover um ensino significativo e uma

aprendizagem plena. Sigamos adiante, desbravando os caminhos que nos levem a uma prática docente verdadeiramente conectada com a essência de nossos estudantes!

## 1. A MOTIVAÇÃO PARA AGIR

Esta monografia consiste em uma pesquisa-ação que se baseia na coleta de dados como fonte para a investigação dos efeitos da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa teve como principais referenciais teóricos: Henri Wallon (1968), Jean Piaget (1971, 1976, 1990) e Paulo Freire (1996, 1979, 1983, 1996), que discutem o tema da afetividade e que valorizam e priorizam o afeto para o processo educacional da criança. A pesquisa contou com uma revisão de literatura, durante a qual foram selecionados artigos e livros que abordam a importância da prática docente com valor afetivo para o desenvolvimento significativo do aluno, possibilitando ao leitor uma breve reflexão quanto à prática docente no processo de ensino-aprendizagem com uma linha de pesquisa voltada para a metodologia de ensino.

### 1.1. A PESQUISA-AÇÃO COMO NORTEADORA DO FAZER DOCENTE

A investigação-ação consiste em uma estratégia para o processo de desenvolvimento de pesquisadores e também de professores, possibilitando-lhes a utilização de pesquisas para o aprimoramento de sua docência e, conseqüentemente, da relação com seus alunos (TRIPP, 2005). Dessa forma, esta monografia se baseou nos princípios desse modelo de pesquisa, partindo da observação de vivências no cotidiano do ambiente escolar para a realização de um estudo de caso que teve como uma de suas protagonistas a própria autora deste trabalho.

De acordo com Tripp,

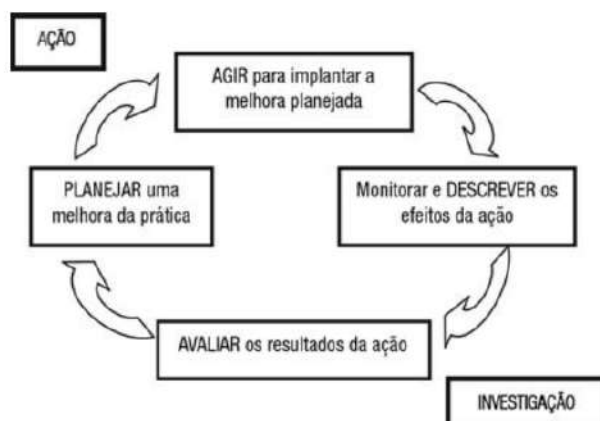
É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005, p.445 – 446)

Sendo assim, esta pesquisa teve por objetivo investigar e analisar como a afetividade interfere no âmbito escolar, como esta é vivenciada em sala de aula, e



como se desenvolve a relação afetiva entre professor e aluno. Para isso, foram utilizados procedimentos da pesquisa-ação, de acordo com o ciclo de Tripp destacado na figura 1 abaixo:

Figura 1 – O ciclo da investigação-ação



Fonte: Tripp, 2005, p.446

Por meio da imagem, pode-se entender que a pesquisa-ação se caracteriza como uma forma de investigação-ação que utiliza métodos de pesquisa específicos para descobrir e informar qual ação foi decretada para se obter uma melhora da prática (TRIPP, 2005). Cabe, pois, destacar que a metodologia desta monografia parte da investigação e do estudo de caso para então planejar uma aprimoração da prática e do agir, bem como da pesquisa bibliográfica da temática selecionada.

Ao utilizar a pesquisa-ação, é possível identificar e analisar situações em que a afetividade tem maior impacto no processo de ensino-aprendizagem; a implementação de tal metodologia permite propor estratégias para melhorar o ambiente afetivo em sala de aula. Essa interação contínua e reflexiva, conforme enfatizado por Thiollent (1986), favorece uma coleta de dados mais rica e colaborativa, permitindo que os próprios professores se tornem coautores da pesquisa.

Segundo Michel Thiollent,

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão

envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14)

Dessa forma, a pesquisa-ação se mostra uma estratégia eficaz para investigar a importância da afetividade na prática docente de forma mais aprofundada e participativa. Os resultados dessa abordagem poderão contribuir para o aprimoramento das práticas pedagógicas, valorizando as relações afetivas entre professores e alunos e promovendo uma educação mais humanizada e inclusiva. Essa metodologia é rica ainda por possibilitar o compartilhamento de experiências e saberes, valorizando as perspectivas dos professores e dos alunos, e integrando-as ao processo investigativo.

Além disso, Thiollent (1986) destaca a associação entre pesquisa-ação e aprendizagem no contexto das pesquisas em diferentes áreas, como educação, comunicação e organização. Ele afirma que na pesquisa-ação a capacidade de aprendizagem está intrinsecamente ligada ao processo de investigação. Isso significa que, ao realizar uma pesquisa-ação, os participantes envolvidos no estudo não apenas buscam investigar um determinado problema ou fenômeno, mas também aprendem durante todo o processo.

O autor menciona que a relação entre pesquisa-ação e aprendizagem é especialmente relevante na pesquisa educacional, mas também é válida em outros campos. Nas pesquisas em educação, comunicação e psicologia, por exemplo, os atores estão constantemente criando e utilizando informações, tomando decisões e orientando suas ações. Sendo assim, pode-se afirmar que o método de investigação adotado é uma abordagem que busca não apenas compreender um determinado problema, mas também gerar aprendizagem e aperfeiçoar a prática.

Portanto, a pesquisa-ação foi escolhida como método de pesquisa devido ao pressuposto de um envolvimento ativo dos professores, permitindo-lhes a investigação e a reflexão de suas próprias práticas pedagógicas de modo a superá-las. Além disso, a pesquisa-ação consiste no exercício consciente e ativo da prática docente por meio da análise crítica das ações e das situações vivenciadas em sala de aula, promovendo uma integração entre teoria e prática. Essa abordagem também favorece uma coleta de dados rica e colaborativa, valorizando a experiência dos professores como um recurso valioso para o processo de investigação. A pesquisa-ação tem um potencial transformador, o potencial de gerar

mudanças positivas na prática educacional, e de contribuir para uma educação mais humanizada e inclusiva.

## 2. A AFETIVIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS

Muito se discute acerca do afeto atualmente; o tema vem recebendo destaque em diversos ambientes como pauta para debate e inspiração, com o objetivo de tornar a educação cada vez melhor para os que estão envolvidos no processo educacional. Dessa forma, neste capítulo são abordadas definições de afetividade, para que se possa pensar no afeto como ferramenta para a educação e como parte integrante no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

A afetividade é fundamental nas relações interpessoais e tem sido cada vez mais reconhecida como determinante no desenvolvimento humano e no processo de ensino e aprendizagem. É um conceito vasto e passível de diversos desdobramentos e interpretações; sobretudo, está relacionado ao crescimento do sujeito e de sua personalidade, sendo essencial para a construção da pessoa.

De acordo com o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 66), o termo *afetividade* pode ser definido como um “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”.

Por outro lado, sob a abordagem psicanalítica, citada no artigo de Pessoa (2000), a afetividade é vista como um processo em que alguém, investido de amor, constrói o seu eu, e descobre o prazer e o desejo de aprender. Dessa forma, o termo se refere à virtude do ser humano de afetar-se e ser afetado positiva e/ou negativamente em suas relações, o que certifica a presença do afeto no contexto educacional, uma vez que as relações permeiam o ambiente educativo e atravessam o processo de aprendizagem.

Segundo Mahoney e Almeida (2007, p. 17), em referência à teoria de Wallon, a afetividade refere-se “à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. Sendo assim, a afetividade faz parte do processo da formação do indivíduo, visto que ela é concebida por meio das interações constituídas com o outro em suas vivências e com o meio em que ele está inserido.

Dessa forma, é possível afirmar que a afetividade desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano e nas relações interpessoais. Conforme destacado por Ferreira e Acioly-Régner (2010), a contribuição de Henri Wallon é de

suma importância ao apresentar uma conceituação diferenciada que reconhece as emoções, os sentimentos e as paixões como desdobramentos de um domínio funcional mais amplo, sem reduzi-los uns aos outros. Nesse contexto, a afetividade emerge como resultado da interação entre o orgânico e o social, desempenhando uma dimensão essencial na formação integral do indivíduo.

A compreensão abrangente da afetividade, conforme delineada por Ferreira e Acioly-Régner (2010), implica o reconhecimento de que ela transcende as fronteiras do domínio orgânico, influenciando e sendo influenciada pelo contexto social e pelas relações interpessoais. Essa perspectiva revela a afetividade como um conjunto funcional que emerge do âmago do indivíduo, adquirindo um status social ao se estabelecer nas interações com os outros. É nessa interseção entre o orgânico e o social que a afetividade se configura como uma dimensão fundadora na formação de uma pessoa completa.

A teoria walloniana, então, revela que, assim como a cognição, a afetividade é um elemento fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Como destacado por Leite e Tassoni,

(...) Wallon (1968) defende que, no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. Tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo. Através desta interação com o meio humano, a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação, onde a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade. Da mesma forma, é ainda através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço. São os desejos, as intenções e os motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos. (LEITE; TASSONI, 2005, p. 5)

Essa interação entre a afetividade e a cognição reforça quão importante é visualizar ambos os conceitos em constante interação e, ao mesmo tempo, indissociáveis. Portanto, de acordo com Henri Wallon, o processo de desenvolvimento ocorre por meio do entrelaçamento entre a afetividade e a inteligência, ou seja, as conquistas do plano afetivo são utilizadas no plano cognitivo, e vice-versa.

Wallon afirma, ainda, que

As emoções, que são a exteriorização da afetividade, provocam, assim, transformações que tendem, por outro lado, a reduzi-las. Nelas se baseiam as experiências gregárias, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. Mas à medida que, ao irem se tornando mais precisos, o seu significado os torna mais autônomos, eles separam-se da própria emoção. Em vez de serem a sua onda propagadora, tendem a reprimi-la, a impor-lhe diques que destroçam a sua potência totalizadora e contagiosa. (WALLON, 1968, p. 152)

Nessa abordagem teórica, o autor revela como as emoções, que são a manifestação externa da afetividade, desencadeiam transformações nas relações interpessoais e nas experiências sociais. No contexto educacional, essa citação indica que a afetividade é um componente crucial no processo de aprendizagem, tendo em vista que esta não é apenas uma manifestação emocional, mas também desempenha um papel na formação da identidade do indivíduo e na sua relação com o mundo simbólico.

De acordo com a teoria de Piaget, o afeto desempenha um papel essencial na constituição e no funcionamento da inteligência, pois para ele o afeto pode acelerar ou retardar a formação das estruturas cognitivas. Além disso, Piaget também defende a interação como meio de desenvolvimento intelectual e afetivo, conforme destacam Nunes e Silveira, ao referir-se ao autor:

A evolução do conhecimento é um processo contínuo, construído a partir da interação ativa do sujeito com o meio (físico e social). O desenvolvimento humano passa por estágios sucessivos de organização, no campo do pensamento e do afeto, que vão sendo construídos em virtude da ação da criança e das oportunidades que o ambiente possibilita a ela. (PIAGET, 1991, *apud* NUNES; SILVEIRA, 2015, p. 42)

Nesse sentido, pode-se afirmar que os fenômenos afetivos estão diretamente relacionados com a qualidade da interação entre os sujeitos e suas vivências. Assim, a interdependência entre as dimensões afetiva e cognitiva torna-se evidente ao constatar que as conquistas alcançadas no âmbito afetivo exercem influência sobre o desenvolvimento cognitivo, e, de forma recíproca, as realizações no campo cognitivo também reverberam no domínio afetivo, como mencionado acima. Esse entrelaçamento inseparável entre ambas as esferas demonstra a importância de considerar a interação entre emoção e pensamento no processo de aprendizagem e na formação integral do indivíduo. Tal compreensão alicerça a necessidade de

abordagens pedagógicas que promovam a sinergia entre o afeto e a cognição, resultando em uma educação mais abrangente e efetiva.

Ainda sob a ótica piagetiana, o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência, pois, segundo Piaget,

A vida afetiva e a vida cognitiva são, portanto, inseparáveis, embora distintas. Elas são inseparáveis porque qualquer intercâmbio com o meio supõe, ao mesmo tempo, uma estruturação e uma valorização, sem deixarem de ser menos distintas, já que esses dois aspectos da conduta não podem se reduzir um ao outro. É assim que seria impossível raciocinar, até mesmo em matemática pura, sem experimentar determinados sentimentos e, inversamente, não existem afeições sem um grau mínimo de compreensão (...). (PIAGET, 1976, p. 16)

Sem afeto, então, pode-se afirmar que não há interesse nem motivação pela aprendizagem, conseqüentemente não há questionamentos, e, sem eles, não ocorre o desenvolvimento mental. Assim, a afetividade e a cognição devem sempre ser analisadas conjuntamente, pois uma complementa a outra, uma dá suporte à evolução da outra. Nota-se, então, que o afeto assume a base da estrutura de um bom aprendizado, pois se a criança não tiver esse sentimento com as pessoas que estão ao seu redor o aspecto cognitivo poderá ser comprometido.

No que se refere à relação entre cognição e emoção, para Piaget (1976) “os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis e irreduzíveis”. Dessa forma, o afeto aceleraria ou retardaria a formação das estruturas cognitivas: acelera-as, quando há interesse e necessidade, e retarda-as, quando a situação afetiva acaba se tornando um obstáculo para o desenvolvimento intelectual. Mais uma vez Piaget demonstra que toda conduta tem um aspecto cognitivo e um afetivo; conseqüentemente, um não funciona sem o outro, pois como bem destaca Pessoa:

Quando a criança tem dificuldade em entender algum conteúdo, ela pode mostrar-se desinteressada, apática ou demonstrar sentimentos de desprazer em relação à aprendizagem e, se a criança tiver interesse por animais, poderá desenvolver uma estrutura cognitiva para esta compreensão. Entretanto, uma cópia desprovida de significação não produz na criança nenhum interesse ou motivação. Assim, ela pouco aprende e nada constrói. (PESSOA, 2000, p. 102)

Ou seja, é preciso refletir sobre o planejamento e a prática pedagógica que serão a base do ensino para um grupo específico de crianças, tendo a dimensão de que se os desafios propostos estiverem além da capacidade cognitiva da criança e

ainda não houver o afeto como aliado nesse processo, haverá desmotivação e desinteresse por parte do aluno.

Paulo Freire é certamente outro grande educador que trata sobre a afetividade. Conhecido como o Patrono da Educação Brasileira desde 2012, ele enfatiza em sua obra “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” que é preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade, pois, para ele, a afetividade não está excluída da cognoscibilidade. Em sua perspectiva, a prática educativa engloba afetividade, pois como bem destacado em seu livro, “o professor lida com gente e não com coisas”:

E porque lido com gente, não posso, por mais que inclusive me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. (FREIRE, 1996, p. 146)

Dessa forma, pode-se afirmar que a afetividade torna-se presente a partir da amorosidade desenvolvida em relação aos educandos, ou seja, à medida que se conhece o sujeito em um contexto social, com seus problemas, suas fraquezas, suas necessidades, e entende-se que a experiência pedagógica deve despertar, estimular e desenvolver o gosto de querer bem e o da alegria, conclui-se que o afeto permeia a aprendizagem, como o vínculo que ocorre organicamente entre professor e aluno.

Por conseguinte, Sérgio Leite e Elvira Tassoni (2002) evidenciam que a presença contínua da afetividade nas interações sociais influencia os processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor que a interação que ocorre no contexto escolar também é marcada pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor, também, que a afetividade se constrói como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos do conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas (LEITE; TASSONI, 2002, p. 9-10).

É evidente, então, a necessidade de vincular os campos da afetividade, do desenvolvimento e da aprendizagem, valorizando a relação entre professor e aluno, pois com afeto o trabalho pedagógico pode ser melhor direcionado e favorecer o aprendizado dos educandos, bem como a prática docente dos educadores.



Percebe-se, portanto, que é possível encontrar diversas definições para a afetividade; é imprescindível, porém, o entendimento de que o afeto e todos os seus desdobramentos estão presentes na educação e podem assumir papel importante na aprendizagem.

## 2.1. O AFETO COMO ALTERNATIVA PARA O ENSINO TRADICIONAL

Diante dos diversos desdobramentos de afetividade, pode-se afirmar que esta é uma grande aliada no processo cognitivo durante o desenvolvimento da criança. Entende-se que uma educação afetiva permite que todo o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma mais prazerosa e significativa. Segundo De Paula e Faria (2010, p.1), “para haver aprendizagem deve haver troca, e para haver troca, essa troca deve ser permeada de afeto”. Portanto, é preciso não só ensinar conteúdos curriculares nas escolas, mas propiciar condições afetivas que colaborem para que haja uma ruptura no ensino tradicional<sup>1</sup>, que ainda permeia os ambientes escolares.

De acordo com Carneiro, a educação tradicional

tem oferecido a seus alunos uma aprendizagem que resulta numa memorização mecânica de um conjunto de teorias retiradas de livros didáticos, que, por sua vez, têm a tendência de apresentar os conteúdos das disciplinas isolados, isto é, sem interconexão com a realidade do mundo. Isso se enquadra num processo narrativo de ensino que prejudica a atitude do educando em relação a agir como um ser pensante. A cada dia, todos aqueles que se encontram no processo educativo tradicional têm assumido ferozmente a prática da narração. Os professores narram o que aprenderam e os alunos os seguem nesta prática de repetição. O conteúdo trabalhado desta maneira torna-se algo supérfluo, vazio na vida do estudante que desconhece a função daquele assunto no seu cotidiano; o aluno não delimita nenhum grau de importância neste tipo trabalho, pois se apresenta de forma fria, solitária, e percebe que o seu educador também não consegue dar sentido/luz a seu planejamento, rotulado já como tradicional. (CARNEIRO, 2012, p. 3)

Nesse sentido, para a concepção tradicional de educação, o professor é considerado central no processo de ensino e aprendizagem, responsável pela transmissão do conhecimento, e o aluno um mero depósito de informações. Para

---

<sup>1</sup> Entende-se por ensino tradicional, na concepção freireana, a abordagem pedagógica baseada no modelo bancário de educação, na qual o professor é detentor do conhecimento e os alunos são receptores passivos de informações, resultando em memorização mecânica de conteúdos descontextualizados e limitando o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia dos estudantes. (FREIRE, 1996)

contrapor-se a esse paradigma da escola tradicional, Freire (1996) tece inicialmente críticas a ele, por considerar que é pedagogicamente inviável ensinar desde um nível de superioridade e autoritarismo, defendendo, por sua vez, a ideia de uma educação libertadora, na qual não se separam os aspectos emocionais e afetivos do conteúdo epistemológico dentro do ambiente escolar. Segundo as palavras de Freire:

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser "educado", vai gerando a coragem. Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. (FREIRE, 1996, p. 45-46)

Desse modo, percebe-se que a educação tradicionalista não contribui para uma aprendizagem eficiente, pois ela se restringe à memorização de informações e conteúdos, e não contribui para uma formação completa do sujeito. Ao contrário, Paulo Freire ressalta a importância dos pequenos gestos, de palavras e olhares de respeito e de qualificação do professor com seu aluno. Assim sendo, o autor destaca que

Este saber, o da importância [dos] gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre o que teríamos de refletir seriamente. É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. (FREIRE, 1996, p. 44)

Enfim, ao analisar as concepções de aprendizagem apresentadas neste capítulo, percebe-se que a educação tradicional pode não proporcionar uma aprendizagem concreta e significativa, motivo que reforça a defesa da imersão na educação afetiva. Pois como o próprio Paulo Freire assinalou (1983, p. 15), “não há educação sem amor. (...) Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar”. Dessa forma, é perceptível a necessidade da presença afetiva dentro do contexto escolar, principalmente no que se refere à relação entre professor e aluno.

Paulo Freire desenvolve o conceito de "educação bancária" em sua obra "Pedagogia do Oprimido", uma abordagem tradicionalista e desprovida de afetividade no processo educativo, em referência a um modelo de ensino tradicional, hierárquico e autoritário, no qual o educador é visto como o detentor do conhecimento e o aluno é considerado um mero receptor passivo de informações. O autor afirma que

na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1970, P. 33)

Nessa perspectiva, o processo educativo é entendido como um depósito de conteúdos na mente dos alunos, como se fossem "bancos" que devem ser preenchidos com o conhecimento transmitido pelo professor. Sendo assim, a falta de sensibilidade emocional e a ausência de diálogo entre professor e aluno contribuem para a criação de um ambiente de aprendizagem desmotivador e desinteressante.

Ademais, na "educação bancária" desconsidera-se a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento e não se levam em conta suas experiências, seus saberes prévios e os diferentes contextos culturais. Essa abordagem desumaniza a relação entre professor e aluno, criando uma separação entre aquele que sabe e aquele que não sabe, reforçando assim as estruturas de opressão e dominação presentes na sociedade.

O autor propõe, em contraposição à "educação bancária", uma abordagem educacional que tem como princípio a valorização da experiência e do conhecimento dos educandos, promovendo uma relação dialógica e horizontal entre professor e aluno. Nesse modelo, o educador assume o papel de facilitador do processo de aprendizagem, estimulando a reflexão crítica, a participação ativa e a autonomia dos estudantes.

O afeto, por sua vez, emerge como uma alternativa efetiva para superar os limites da "educação bancária". Ao incorporar a dimensão afetiva na prática pedagógica, os educadores têm a oportunidade de estabelecer uma relação mais humana, empática e respeitosa com os estudantes. Ao se interessar pelas experiências e saberes prévios dos educandos, o professor possibilita que eles se

sintam valorizados e reconhecidos, favorecendo um maior envolvimento no processo educativo e interesse pela aprendizagem.

A educação afetiva busca criar um espaço de acolhimento, confiança e afetividade, onde as emoções e sentimentos dos alunos são levados em consideração no processo de ensino-aprendizagem. Isso cria uma atmosfera propícia para o desenvolvimento integral dos estudantes, permitindo que eles se sintam seguros para explorar novas ideias, questionar e participar ativamente das atividades propostas.

Ao adotar uma abordagem pedagógica afetiva, os professores podem estimular a reflexão crítica, a criatividade e a autonomia dos alunos, empoderando-os como sujeitos ativos no processo educativo. O afeto também pode ser um elemento catalisador para a construção de relações de respeito mútuo e de cooperação no espaço da sala de aula, fomentando um ambiente de aprendizagem colaborativo e enriquecedor.

Assim, a incorporação do afeto na educação surge como uma alternativa transformadora para superar os desafios impostos pelo ensino tradicional e pela "educação bancária". Por meio da valorização das emoções e das relações interpessoais, a educação afetiva se mostra como um caminho promissor para uma prática docente mais significativa, humanizada e inclusiva, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, autônomos e responsáveis.

### 3. A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA AFETIVA

Para designar as relações interpessoais de afetividade em sala de aula, a expressão "pedagogia do afeto" é citada por França e Dias (2002), que afirmam que essa abordagem consiste na introdução de fundamentações teóricas, técnicas e vivências que possibilitam a troca energética e o toque afetivo no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo é criar um ambiente escolar que promova a interação baseada em sentimentos positivos, como amizade, ternura, cooperação e respeito mútuo, visando ao bem-estar e à realização pessoal dos envolvidos (FRANÇA; DIAS, 2002).

Nesse sentido, busco desenvolver a seguir um conceito próprio para *pedagogia afetiva*, a partir de estudos, leituras, convicções aprofundadas ao longo dos anos da Faculdade de Educação da UFRJ e das práticas profissionais acumuladas. A pedagogia afetiva pode ser considerada como um conjunto de métodos e hábitos que têm como base o vínculo afetivo para melhorar o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com estudiosos da área que constituem a base teórica deste trabalho - Henri Wallon, Jean Piaget e Paulo Freire -, o desenvolvimento afetivo e cognitivo de uma criança ocorre de maneira equivalente, ou seja, há grande vantagem em uni-los no processo educacional.

Sob a referida concepção, a prática pedagógica tem como objetivo potencializar o desenvolvimento do aluno, além de estimulá-lo para que melhore o aprendizado, dando-lhe mais significado. Uma educação com tal pressuposto valoriza o trabalho das emoções e sentimentos juntamente às atividades curriculares, conduzindo conflitos, criando laços e fomentando práticas de empatia e solidariedade. Uma pedagogia que valoriza o afeto seria então uma abordagem educacional centrada na valorização das relações afetivas entre educadores e estudantes como elemento fundamental para o desenvolvimento pleno dos indivíduos, com base em princípios humanistas, bem como no reconhecimento da importância do vínculo emocional na construção do conhecimento e na formação integral dos alunos.

A pedagogia afetiva supõe um ambiente escolar acolhedor, no qual as emoções sejam reconhecidas, respeitadas e consideradas como uma parte integrante do processo educativo. Sob essa tendência pedagógica os educadores são encorajados a cultivar uma postura empática, demonstrando sensibilidade às

necessidades emocionais dos estudantes e promovendo um clima de confiança e segurança. Nessa abordagem destaca-se a importância de estabelecer conexões significativas com os alunos, cultivando-se um relacionamento de confiança e de respeito mútuos. Sendo assim, uma educação centrada na afetividade busca entender as peculiaridades de cada aluno, levando em consideração suas emoções, interesses e experiências de vida, adaptando o ensino para atender às suas necessidades individuais.

Valoriza-se ainda na pedagogia afetiva o diálogo, a escuta ativa e a expressão emocional como instrumentos para promover o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Sob essa perspectiva teórica, é fundamental o envolvimento afetivo dos alunos na aprendizagem para a motivação e para o sucesso acadêmico. Em resumo, tal abordagem educacional contempla as relações afetivas no centro do processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo o impacto positivo que elas têm no desenvolvimento integral dos alunos. Ao criar um ambiente acolhedor, empático e respeitoso, os educadores podem promover o bem-estar emocional dos estudantes, estimular seu interesse pelo conhecimento e contribuir para a construção de uma prática docente mais humanizada e eficaz.

Para desenvolver uma pedagogia afetiva é preciso, portanto, que os pilares da educação sejam valorizados no ambiente escolar, e para tanto é necessário reconhecer a relação entre professor e aluno como um fator determinante para o processo educacional, que merece ser considerado com a devida atenção no momento de planejar e estruturar uma prática pedagógica que atenda às expectativas da pedagogia do afeto.

### 3.1 A RELAÇÃO PROFESSOR–ALUNO BASEADA NO AFETO

O professor tem sido colocado em uma posição de responsável por grande parte da educação, principalmente pelo fato de o aluno passar cada vez mais tempo dentro da escola. Para as crianças, o docente acaba assumindo um papel marcante de referência, por representar uma figura de autoridade, de admiração, e por ser responsável pela aprendizagem, pelo desenvolvimento e pela educação das novas gerações de alunos. Dessa forma, a relação entre o professor e o aluno se faz como uma rica fonte de construção da aprendizagem para ambos, pois é a partir dela que

os vínculos se estabelecem, e estes são essenciais para uma boa aprendizagem e também para um bom desenvolvimento.

Assim, a relação docente-discente deve ser marcada pela presença de um professor mediador que, fazendo-se presente, ajudará os alunos, criará condições apropriadas para a sua aprendizagem, respeitando a história pessoal de cada sujeito, conhecendo o seu contexto, aceitando-o e desenvolvendo estratégias de ensino que instiguem a curiosidade. A relação desempenha então um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem, e reconhecer a dimensão afetiva nessa interação é fundamental para uma prática docente eficaz e significativa.

Por sua vez, Vygotsky, renomado psicólogo bielo-russo que voltou seus estudos para a teoria sociointeracionista da aprendizagem, enfatiza a relevância do vínculo afetivo na relação entre professor e aluno (1978). Segundo ele, a afetividade desempenha um papel central no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. O afeto contribui para a motivação, o engajamento e a construção de significados no processo de aprendizagem. Quando há uma relação afetiva entre professor e aluno, este se sente valorizado, apoiado e estimulado a explorar seu potencial de forma mais plena.

Freire (1996), como mencionado anteriormente, destaca que a relação professor-aluno pautada pelo afeto cria um ambiente propício para a construção do conhecimento. O afeto estabelece um espaço de confiança, respeito mútuo e abertura para a troca de ideias, questionamentos e reflexões. O professor, ao demonstrar empatia e interesse genuíno pelos alunos, estabelece uma conexão afetiva que favorece a construção de um diálogo educativo mais enriquecedor e transformador.

Sobre essa questão, Chalita (2001) ressalta que o afeto desempenha um papel fundamental na educação. Em sua obra "Educação: a solução está no afeto", o autor destaca a importância de cultivar o afeto nas relações educacionais como forma de promover um ambiente de aprendizagem acolhedor, motivador e significativo. O afeto, segundo ele, é capaz de despertar o interesse dos alunos, estimular sua participação ativa e promover o desenvolvimento integral de suas potencialidades.

O autor ressalta ainda (CHALITA, 2001) a relevância da afetividade no tratamento dos alunos, uma vez que a educação se estabelece na presença do afeto, na troca, no enriquecimento e na vivência de experiências. Chalita salienta

que um professor que se limita a transmitir informações não consegue compreender a importância do afeto no processo de aprendizagem do aluno. É, pois, fundamental a relação afetiva entre professor e aluno, bem como a merecida atenção que este deve receber ao partilhar suas dúvidas.

Ainda com relação à importância da afetividade no espaço escolar, Nóvoa (2009) reforça que uma relação baseada no afeto promove uma comunicação mais efetiva entre professor e aluno. O vínculo afetivo facilita uma escuta atenta, a compreensão das necessidades individuais dos alunos e uma maior sensibilidade nas interações. O professor, ao estabelecer um ambiente acolhedor e respeitoso, cria condições para que os alunos se sintam seguros para expressar suas dúvidas, inquietações e opiniões, promovendo assim uma participação ativa e uma aprendizagem mais significativa.

Portanto, compreender e valorizar a dimensão afetiva na relação professor-aluno é essencial para a construção de uma prática docente eficiente e humanizada. Uma relação baseada no afeto contribui para a criação de um ambiente de aprendizagem seguro, motivador e propício ao desenvolvimento integral dos alunos. Ao estabelecer vínculos afetivos positivos, o professor possibilita uma experiência educativa mais enriquecedora, na qual os alunos se sentem valorizados, incentivados a explorar suas potencialidades e capazes de alcançar melhores resultados escolares e socioemocionais.

### 3.2 UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA AFETIVA E LÚDICA

A dimensão afetiva desempenha um papel crucial na construção da prática docente, influenciando diretamente o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, a adoção de uma prática pedagógica afetiva e lúdica se mostra essencial para criar um ambiente educacional acolhedor, estimulante e favorável ao desenvolvimento integral dos alunos.

Piaget, renomado psicólogo do desenvolvimento suíço, destaca a relevância do afeto na aprendizagem. Segundo ele, as emoções e os sentimentos estão intrinsecamente ligados aos processos cognitivos e influenciam diretamente a forma como os alunos sentem-se motivados para construção do próprio conhecimento. O afeto proporciona um ambiente favorável à aprendizagem, contribuindo para a



motivação, a curiosidade e o envolvimento dos estudantes no processo educativo (PIAGET, 1971).

O autor destaca ainda a importância do jogo e do lúdico na educação. Para ele, o jogo é uma forma privilegiada de aprendizagem, pois envolve ações espontâneas, prazerosas e autônomas por parte das crianças. Por meio de atividades lúdicas, os alunos podem explorar, experimentar e construir seu próprio conhecimento, desenvolvendo habilidades cognitivas, socioemocionais e motoras. A prática pedagógica afetiva e lúdica, baseada na perspectiva de Piaget, proporciona um ambiente propício para o desenvolvimento integral dos alunos, estimulando sua criatividade, imaginação e curiosidade (PIAGET, 1990).

Além disso, diversos estudiosos têm enfatizado a importância do lúdico na educação. Vygotsky, por exemplo, ressalta que o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças. Através do lúdico, os alunos têm a oportunidade de explorar, experimentar, imaginar e construir significados, desenvolvendo habilidades cognitivas, afetivas e sociais de forma prazerosa e espontânea (VYGOTSKY, 1978).

Dessa forma, a integração do afeto e do lúdico na prática pedagógica possibilita um ambiente de aprendizagem estimulante, envolvente e significativo para os alunos. Essa abordagem valoriza a expressão das emoções, o respeito às individualidades e a criação de vínculos afetivos entre professores e estudantes. Ademais, o lúdico proporciona experiências desafiadoras, criativas e prazerosas, que estimulam a curiosidade, a autonomia e a construção ativa do conhecimento pelos alunos.

Sendo assim, integrar a dimensão lúdica na prática pedagógica possibilita a criação de um ambiente propício para o desenvolvimento integral dos alunos, promovendo a construção de conhecimento de forma prazerosa, significativa e participativa. Nesse sentido, a prática pedagógica afetiva e lúdica não se limita à transmissão de conhecimentos, mas cria um ambiente de aprendizagem que valoriza as potencialidades individuais de cada aluno. Essa ação docente pressupõe que cada estudante possui ritmos e estilos de aprendizagem distintos, e busca atender às suas necessidades, despertando o prazer pela descoberta, o interesse pelo saber e o senso de pertencimento.

Por meio da abordagem afetiva e lúdica, portanto, a construção do conhecimento se torna uma experiência prazerosa, na qual o aluno se sente

motivado a explorar, questionar, experimentar e construir seu próprio entendimento sobre os conteúdos abordados. A prática pedagógica afetiva e lúdica fortalece ainda os laços afetivos entre os alunos e o professor, contribuindo para a formação de vínculos positivos e para o desenvolvimento socioemocional dos estudantes.

Diante disso, é evidente a importância de adotar uma prática pedagógica afetiva e lúdica, que proporcione um ambiente educacional desafiador, enriquecedor e estimulante. Cabe destacar, finalmente, que essa abordagem não apenas contribui para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, como também reforça a formação integral de suas personalidades, auxiliando-os a se tornarem sujeitos críticos, autônomos e participativos em sua jornada educacional e ao longo de suas vidas.

#### 4. A PRÁTICA DOCENTE COMO UMA EXPERIÊNCIA DE AFETO

No decorrer da graduação, muitas vivências marcam a trajetória acadêmica e proporcionam reflexões importantes para a formação docente. Os estágios obrigatórios, por exemplo, são experiências de prática em diferentes etapas de ensino que concedem ao estudante a oportunidade de acompanhar a rotina e o cotidiano de turmas e de professores por alguns meses.

Segundo Botelho,

O estágio é muito importante para a formação do educador, pois vai promover a relação teoria-prática através das reflexões, análises e experiências vivenciadas dentro de sala de aula. Tal prática leva o professor a refletir sobre a sua própria prática. O período de estágio vai provocar uma retomada crítica pelo estagiário, levando-o a compreender a realidade em que deverá atuar. (BOTELHO, 2018, p. 3)

Assim, no percurso da formação, o estágio desempenha um papel fundamental, pois, em meio a um contexto de intensa abordagem teórica, ele adquire relevância para o estudante por sua capacidade de ação. Ao observar a prática pedagógica, torna-se imprescindível estabelecer um vínculo direto com a sala de aula, contando com a orientação do professor regente, a fim de viabilizar uma aprendizagem docente de significado. A imersão no ambiente escolar é necessária para efetivar a compreensão de como a teoria se manifesta na prática, possibilitando o contato com a realidade intrínseca ao processo de ensino (BOTELHO, 2018, p. 3).

Diante desse contexto, o presente capítulo trata de algumas experiências significativas vivenciadas pela autora no ambiente escolar. Importa ressaltar que tais memórias desempenharam um papel motivador na elaboração desta monografia. É importante salientar que as experiências relatadas a seguir ocorreram em contextos educacionais diversos.

Primeiramente, foi realizado um estágio obrigatório em uma escola municipal da Zona Sul do Rio de Janeiro, durante o qual foi possível observar e acompanhar uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental. A escola está localizada em uma área considerada nobre. Sua infraestrutura é insuficiente pela questão do espaço, pois é um colégio bem pequeno; porém, conta com: sala de leitura; pátio; cozinha e

refeitório; banheiros masculino e feminino para os alunos, e mais um para os funcionários; secretaria; sala para os professores e sala da direção.

Dentro desse contexto, diferentes vivências destacaram o papel da afetividade. Entretanto, é preciso ressaltar que o fator mais impactante foi a prática docente da professora regente da turma e sua relação com os alunos. A docente não adotava uma abordagem fundamentada na pedagogia afetiva, ao contrário, limitava-se a realizar leituras expositivas dos materiais e conteúdos presentes nos livros didáticos. Além disso, a professora transcrevia uma série de exercícios e textos no quadro para serem meramente copiados pelos alunos, enquanto explicava os conteúdos de maneira unidirecional e com um tom de voz elevado, sem de fato estabelecer um diálogo e incentivar a participação ativa dos discentes.

Pude testemunhar uma variedade de situações em que a docente se expressava de forma austera com seus alunos, privando-os do direito de desfrutar de atividades prazerosas, como o recreio e a visita à sala de leitura, devido a comportamentos considerados inadequados, como conversar durante a aula e “desobedecer” às instruções da professora (instruções estas que se resumiam basicamente a permanecer em silêncio e não sair de seu assento). Ademais, durante os momentos em que estive presente, percebi que a docente não demonstrava interesse em ouvir sua turma. Não presenciei questionamentos relacionados às curiosidades, tópicos de discussão ou até mesmo áreas de pesquisa que os alunos gostariam de explorar com maior profundidade. Mesmo compartilhando o convívio diário, a professora e seus alunos pareciam estranhos uns aos outros.

Entretanto, discordava da abordagem pedagógica adotada pela professora regente e, à medida que comecei a assistir às aulas da turma e a conviver com os alunos durante sua rotina, estabeleci um vínculo significativo com muitos deles. Diariamente, durante os intervalos ou em momentos informais fora das aulas, eu buscava tecer diálogos com as crianças, interessando-me por suas histórias, ouvindo suas vozes e buscando auxiliá-las de alguma maneira no contexto educacional. Em um curto período de tempo, alguns alunos manifestaram o desejo de que eu assumisse o papel de professora regente, devido à minha postura não autoritária, à predisposição para o diálogo constante e à paciência que demonstrava, em contraste com as vivências cotidianas do grupo durante as aulas. Essas

experiências reforçaram ainda mais minha convicção sobre a importância do afeto na prática docente e no processo de aprendizagem.

Percebe-se, pois, que a limitação da afetividade no contexto específico relatado comprometeu não apenas a relação entre a professora e os alunos, mas também o processo de aprendizagem como um todo, pois não havia interesse por parte dos discentes em aprender, muito menos em estar em sala com a docente em questão. Acredito que esse cenário apenas reforça a importância da presença do afeto na prática docente e no processo de ensino-aprendizagem.

A segunda experiência em contexto escolar consistiu na participação em um projeto de extensão em outra escola municipal na mesma Zona Sul do Rio de Janeiro, novamente realizada com um grupo da turma de 4º ano do Ensino Fundamental. Porém, vale salientar que, mesmo tendo ocorrido em cenários parecidos, as situações vividas e os aprendizados adquiridos em cada ambiente foram totalmente diferentes.

O projeto em questão, nomeado Encontros Interativos, consistia em reuniões semanais com alguns alunos específicos da turma. Essa iniciativa de extensão foi concebida e está sob a coordenação da professora Irene Giambiagi desde 2006. Seu principal objetivo é motivar estudantes de uma escola pública municipal da cidade do Rio de Janeiro que revelam dificuldades pedagógicas no processo de alfabetização, em colaboração com uma equipe formada por alunos do curso de Pedagogia.

A equipe de professores que participam do projeto planeja e elabora as atividades que serão realizadas durante os encontros, buscando uma abordagem interdisciplinar, com a utilização de múltiplas linguagens como recurso pedagógico. Cada atividade é cuidadosamente preparada, a fim de tornar o processo de ensino-aprendizagem desafiador e estimulante para os alunos. Além disso, o projeto valoriza a identidade pessoal de cada estudante, o que orienta o planejamento e a elaboração das atividades a serem desenvolvidas nas aulas. Os Encontros Interativos, então, constituem um ambiente pedagógico disponibilizado para alunos do Ensino Fundamental I que manifestem dificuldades durante sua jornada de aquisição da leitura e da escrita. O projeto tem o intuito de promover o aprimoramento do desempenho acadêmico das crianças participantes.

Em um dos encontros, uma situação intrigante ocorreu. Ao chegar à sala da turma do 4º ano do Ensino Fundamental para buscar as crianças em sala para

levá-las até o espaço onde ocorrem os encontros, uma das alunas do grupo, L., encontrava-se de cabeça baixa, chorando e até soluçando. Para não expô-la ainda mais, todos desceram juntos e a ideia era não perguntar ainda o que havia acontecido, tendo em vista a presença de colegas ao redor. Porém, no caminho praticamente todos já haviam me relatado o motivo da aluna estar chorando; então, depois que todos entraram na sala do projeto, a melhor forma de acolhê-la foi tendo um momento a sós com L. A menina estava claramente sensível e vinha se aproximando tentando esconder o choro e se mostrar “forte” para os demais alunos que vagavam pela escola.

Assim que L. me viu parada em frente à porta esperando por ela, uma pessoa que lhe transmitia confiança e segurança, de imediato revelou em seu rosto o que realmente estava sentindo e como estava magoada. Veio ao meu encontro e trocamos um abraço demorado e sincero, por meio do qual lhe dizia que estava tudo bem ela se sentir triste, e que ela podia deixar as lágrimas escorrerem, que seria acolhida e ouvida. Ao se sentir confortável, exclamou: “Eu nunca gritei com ele, por que ele gritou assim comigo?”, referindo-se a um professor que estava dando aula previamente e acabou gerando essa situação.

Basicamente, a situação relatada pode ser assim resumida: no decorrer da aula muitas crianças estavam pedindo para ir ao banheiro, a turma estava bem agitada e o professor decidiu que mais ninguém iria ao banheiro, pensando que assim evitaria mais agitação entre os alunos. Porém, L. resolveu pedir para sair logo após essa decisão e acabou recebendo como resposta um grito, ríspido e em tom “bem alto”, de acordo com ela, que lhe negava a possibilidade. Em decorrência dessa atitude do professor, L. pôs-se a chorar e calou-se sentada em sua carteira até o momento de descer para o encontro do projeto.

Diante do exposto, pode-se perceber como a falta de paciência do professor e sua reação diante dessa situação acabou atingindo L. de tal maneira que ela não quis mais participar do restante de sua aula. O professor aparentemente não percebeu o sentimento de mágoa que L. estava sentindo no restante de sua aula; apenas quando chegou o momento de o grupo descer para mais um encontro interativo foi que ele percebeu o estado emocional da aluna (que permanecia chorando), chamando-a então para conversar. Entretanto, somente depois do acolhimento e da escuta atenta e com carinho ao sentimento manifestado por L., ela acalmou-se e voltou a manifestar a animação que a caracterizava; ao entrar a seguir

na sala do projeto, logo voltou a ficar alegre e interessada na aula que estava prestes a começar.

Ambos os contextos evidenciam a influência significativa da limitação da afetividade por parte do(a) professor(a) regente na relação entre docente e discentes, bem como no processo de aprendizagem. Nesse sentido, torna-se evidente a importância do afeto na construção de vínculos afetivos entre professor e aluno, que proporcionam um ambiente seguro e propício para a aprendizagem.

Essas situações exemplificam como as crianças estabeleceram um vínculo comigo e sentiram-se seguras, respondendo positivamente ao afeto que lhes foi fornecido. Tal experiência ressalta a relevância do afeto na relação professor-aluno, pois quando os estudantes se sentem acolhidos, ouvidos e compreendidos, tornam-se mais dedicados e motivados a participar ativamente do processo educacional.

Nesse sentido, Freire (1996) destaca a necessidade de uma pedagogia do afeto, que valorize as relações humanas, o diálogo e a empatia. Ele defende a importância de que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva em um ambiente acolhedor e afetivo, no qual os alunos se sintam seguros e motivados para dele participar ativamente. No que diz respeito à postura do professor, Freire ressalta que

o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é, assim, um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96)

Sendo assim, a falta de afetividade por parte dos professores regentes, o não reconhecimento das vivências extraescolares dos alunos e suas histórias de vida, bem como seus gostos, ideias e individualidades, contrapõem-se à teoria freireana de afeto e compromisso político-pedagógico, prejudicando a construção de um ambiente de aprendizagem participativo e significativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento afetivo é fundamental para qualquer indivíduo tanto no que se refere ao viés individual quanto ao social, bem como para a formação de sujeitos críticos, autônomos, criativos, honestos e responsáveis. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou compreender a importância da afetividade na relação professor-aluno e sua influência no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, procurou-se estimular a adoção de abordagens afetivas por parte dos docentes, visando a proporcionar um ambiente de respeito mútuo, confiança e promoção do desenvolvimento integral dos alunos.

Ao longo desta pesquisa, foi possível observar as consequências negativas da falta de afetividade na prática docente. Pude perceber que situações em que os professores não estabeleciam um diálogo aberto com os alunos, que não demonstravam interesse por suas experiências e necessidades individuais, e que adotavam uma abordagem pedagógica unidirecional resultavam em um distanciamento entre docentes e discentes. Observei que essa sucessão de ações geravam um ambiente escolar desmotivador, no qual o processo de ensino-aprendizagem perdia seu significado e os alunos se sentiam desinteressados e desvalorizados.

Dessa forma, ao analisar as situações vivenciadas e os resultados obtidos, foi possível constatar que a limitação da afetividade por parte dos professores impacta diretamente o envolvimento dos estudantes, prejudicando-lhes a motivação, o interesse e o desempenho acadêmico. Além disso, considerando que a educação não se resume apenas à transmissão de conhecimento, torna-se imprescindível promover um ambiente escolar que valorize a afetividade como instrumento facilitador do processo educacional. Afinal, a dimensão afetiva está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento integral do indivíduo, influenciando tanto seu desempenho acadêmico quanto sua formação como cidadão.

Em contrapartida, as situações em que a afetividade foi presente revelaram resultados positivos, observou-se uma maior participação, engajamento e envolvimento dos estudantes nas atividades escolares. A construção de vínculos afetivos fortaleceu a confiança mútua e criou um ambiente propício ao desenvolvimento integral dos estudantes, incentivando seu crescimento acadêmico, emocional e social.



Sendo assim, com base nos resultados desta pesquisa, é possível afirmar que a adoção de abordagens afetivas na prática docente favorece não apenas o desenvolvimento acadêmico dos alunos, mas também sua formação como cidadãos ativos, críticos e responsáveis. Ao considerar as individualidades dos estudantes, ouvi-los, respeitá-los e estabelecer uma relação dialógica, os professores contribuem para a construção de uma educação mais inclusiva, humanizada e transformadora.

Os resultados obtidos corroboraram as teorias de renomados estudiosos, como Piaget, Wallon e Freire, referenciais teóricos da pesquisa realizada, que destacam a importância da afetividade no processo educacional. A falta de diálogo, a ausência de reconhecimento das necessidades individuais dos alunos e a adoção de práticas unidirecionais limitam a construção de relações afetivas e prejudicam o processo de aprendizagem. Por outro lado, a presença de uma abordagem afetiva promove um ambiente mais propício ao desenvolvimento integral dos alunos, estimulando a participação ativa, o interesse e a autonomia na busca pelo conhecimento.

Diante disso, torna-se evidente a importância de promover uma educação pautada na afetividade. Os professores desempenham um papel fundamental nesse processo, devendo ser capacitados para compreender e valorizar o impacto que suas atitudes afetivas têm na educação dos alunos. A formação continuada dos educadores, contemplando aspectos socioemocionais, contribui para que eles sejam capazes de estabelecer conexões genuínas com os estudantes, para criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e para promover um ensino significativo.

É então fundamental que os educadores se conscientizem sobre a importância da afetividade na relação professor-aluno e que valorizem a necessidade de buscar estratégias e práticas que promovam o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. É necessário também que as políticas educacionais e as instituições de ensino promovam a formação continuada dos professores, contemplando aspectos afetivos e socioemocionais, para que estes estejam preparados para lidar com as demandas complexas do ambiente escolar.

Nesse sentido, sugere-se a realização de pesquisas futuras direcionadas aos professores. Essas pesquisas podem buscar estratégias efetivas para promover a afetividade na prática docente, enfatizando o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos educadores. Além disso, é importante pesquisar a percepção e

o entendimento dos professores sobre a afetividade e sua influência na relação com os alunos, a fim de proporcionar uma formação continuada mais direcionada e abrangente nessa área.

Por fim, a presente pesquisa reafirma a relevância da afetividade na relação professor-aluno e ressalta a necessidade de uma abordagem pedagógica que considere as emoções, os vínculos afetivos e as particularidades de cada estudante. Acredita-se que a promoção da afetividade no ambiente escolar contribui para o sucesso acadêmico, bem como para a formação integral dos indivíduos, preparando-os para enfrentar os desafios da vida e construir uma sociedade mais justa, solidária e humanizada.

Portanto, é possível concluir que a afetividade desempenha um papel crucial na relação professor-aluno e no processo de aprendizagem. A falta de afetividade por parte dos docentes impacta negativamente o envolvimento, a motivação e o desempenho dos alunos. Por outro lado, a presença de uma abordagem afetiva fortalece os laços sociais, favorece a construção do conhecimento e promove um ambiente educacional mais humanizado.

Nesse sentido, é fundamental que os educadores reconheçam a importância da afetividade em sua prática pedagógica, promovendo relações mais acolhedoras, empáticas e respeitadas com os alunos. A formação continuada dos professores deve contemplar aspectos socioemocionais, capacitando-os para estabelecer conexões afetivas com os estudantes e criar um ambiente de aprendizagem mais significativo e estimulante.

Espera-se que este estudo contribua para ampliar a compreensão sobre a relevância da afetividade na relação professor-aluno, e inspire a implementação de políticas educacionais que valorizem essa dimensão. Ao promover a formação de professores afetivos e fomentar práticas pedagógicas baseadas no diálogo, no respeito e na valorização das individualidades dos alunos, é possível transformar a experiência educacional em algo mais enriquecedor, visando ao desenvolvimento pleno dos estudantes e preparando-os para os desafios da vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, T. A. S. **Formação docente**: importância do estágio na relação teoria e prática e na construção da identidade. *In* Anais eletrônicos da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem/ III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul, 2018, p. 3.

CARNEIRO, R. P. **Reflexões acerca do processo ensino-aprendizagem na perspectiva freireana e biocêntrica**. Revista Thema, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 251-266, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/145>. Acesso em: 17 jul. 2023.

CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. 6. ed. São Paulo: Gente, 2001.

DE PAULA, S. R.; FARIA, M. A. **Afetividade na aprendizagem**. Revista Eletrônica Saberes da Educação. FAC, São Roque, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educ. Rev., [s. l.], n. 36, p. 21-38, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602010000400003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000400003). Acesso em: 6 abr. 2023.

FRANÇA, C.; DIAS, V. **A pedagogia do afeto**. Revista Humanidades – Pedagogia. São João da Boa Vista: UNIFEOB, 2002.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Coleção Educação e Comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1970-pedagogia-do-oprimido.pdf/view>. Acesso em: 17 jul. 2023.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. *In*: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. (Orgs.). **Psicologia e formação docente**: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e aprendizagem**: Contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

NUNES, A. I. B. L.; SILVEIRA, R. N. **Psicologia da aprendizagem**. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PAIM, I. **Curso de Psicopatologia**. 11. ed. São Paulo: EPU, 1993.

PESSOA, V. S. **A afetividade sob a ótica psicanalítica e piagetiana**. Publicatio UEPG, Paraná, v. 8, n. 2, 2000. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/humanas/article/view/12>. Acesso em: 12 maio 2023.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

\_\_\_\_\_. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1971.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem**: a relação professor-aluno. Psicologia, análise e crítica da prática educacional, Campinas: ANPED, 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>. Acesso em: 18 maio 2023.

VALLE, A. da R. **Afeto no trabalho**: o que se discute na literatura nacional. Psicol. Am. Lat., México, n. 3, 2005. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X200500010004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X200500010004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 31 jul. 2023.

VYGOTSKY, L. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.